

**“O Filho não pode fazer nada por si mesmo”** (Jo 5, 19)

Meditação sobre a Santa Páscoa

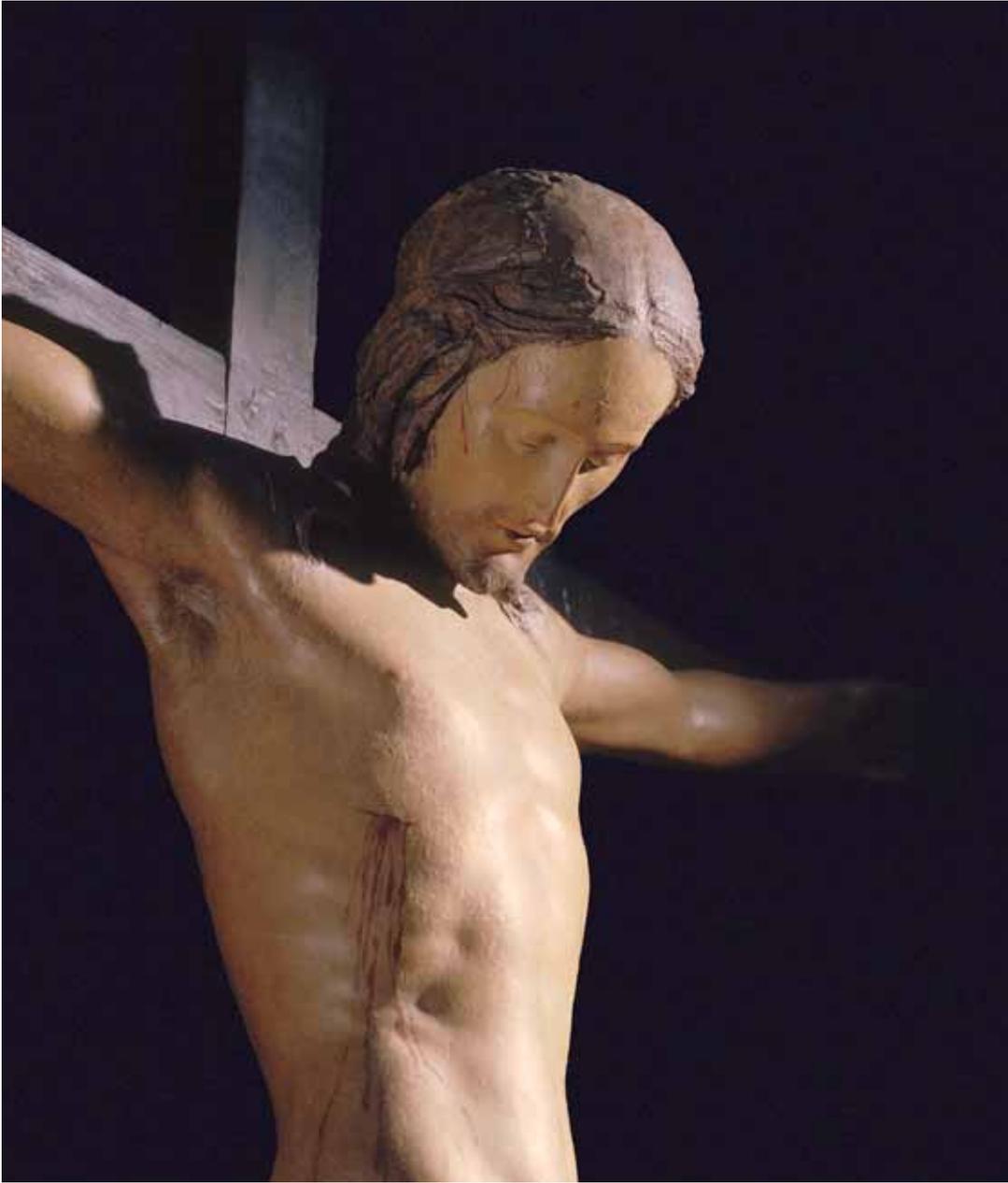
30DIAS

Na capa: *Trindade*, Leandro Bassano, Galeria Borghese, Roma

**“O Filho não pode fazer  
nada por si mesmo” (Jo 5,19)**

**Meditação de padre Giacomo Tantardini  
sobre a Santa Páscoa**

**Bérgamo, 15 de março de 2010**



Michelangelo Buonarroti, *Cristo crucificado*, detalhe, igreja do Santo Espírito, Florença

Rezemos *juntos* uma ave-maria, para que *todos* sejamos ajudados.

*Ave Maria.*

Agradeço pelo convite que me fizeram a conduzir esta meditação. E fico contente por falar, por tentar falar esta noite justamente aqui, nesta igreja, o lugar onde dizem ter acontecido o martírio de Santo Alexandre, um santo de quem sou particularmente devoto, até porque a paróquia da minha cidade natal é dedicada a ele. É um dos santos mártires cujo nome conheço desde que era pequeno.

E fico contente também por estar aqui, para esta meditação, porque me lembra uma outra meditação que conduzi também em Bérgamo, há dez anos, no Natal de 2000, publicada depois num pequeno livro intitulado *Il cristianesimo: una storia semplice*, cuja leitura – assim me disseram – confortou muitas pessoas.

Naquela meditação, eu tentava dizer que o cristianismo é simples *porque* é uma história de graça. Se nascesse de nós, se não fosse um acontecimento e, portanto, uma história de graça, seria complicado. Sendo ao invés um dom totalmente gratuito, uma graça totalmente gratuita que alcança o coração do homem, o cristianismo é simples. Nós, *por nós mesmos*, não temos de tomar nenhuma iniciativa.

Dizer que é simples – como eu dizia naquela meditação – significa também dizer que é fácil. Que é fácil! “*Omnia fiunt facilia caritati*”, diz Santo Agostinho<sup>1</sup>. “Pela caridade, tudo se torna fácil.” A caridade é o amor que Deus derrama no coração. Quando o coração é comovido por esse amor, tudo se torna fácil. Tudo se torna fácil à caridade, tudo se torna fácil ao dom de Deus, ao amor *de* Deus que se derrama no coração.

E concluí aquela meditação com uma frase de Giussani, extraída de um artigo sobre o santo Rosário – ainda me lembro de quando o li no jornal *Avvenire*, em 30 de abril do ano santo de 2000. Giussani diz que a nossa resposta a essa graça, a nossa resposta à iniciativa de Deus, é uma oração. Não é uma capacidade especial, é tão somente o ímpeto da oração.

E depois Giussani, naquele artigo, pronuncia um juízo que é como a sugestão de um modo de olhar para a história dos últimos séculos.

Diz: “O povo cristão, há séculos, foi abençoado e confirmado, na sua propensão para a salvação, creio eu, especialmente por uma coisa: o santo Rosário”. “O povo cristão, há séculos, foi abençoado...”: como é bonito o fato de aqui também o início ter sido sermos abençoa-

<sup>1</sup> Agostinho. *De natura et gratia* 69,83.

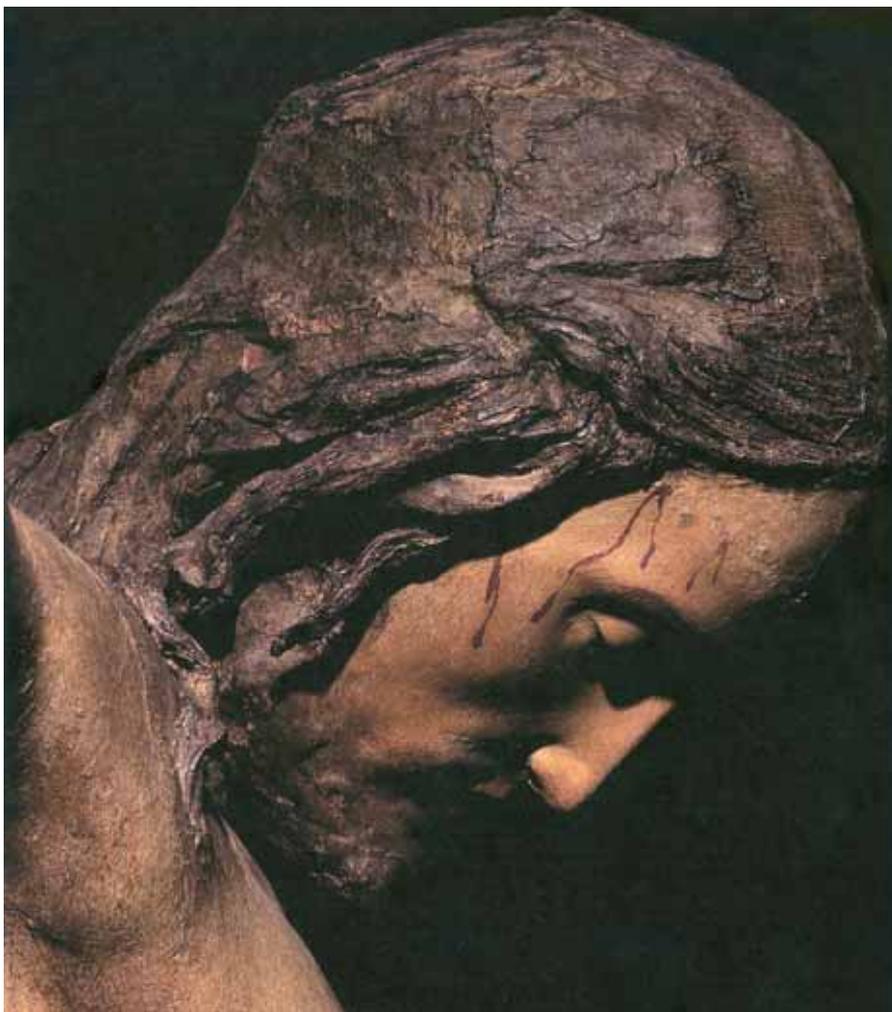
dos... O início é um Outro que abençoa, que bendiz, que quer bem. Continua Giussani: "... e confirmado, na sua propensão para a salvação...": confirmado no desejo de ser salvo. Como isso também é bonito! *Propensão para a salvação*: é como quando a criança olha pedindo. O que abençoou e confirmou o povo cristão em seu desejo de salvação? Conclui Giussani: "Especialmente uma coisa: o santo Rosário".

Assim, eu quis iniciar esta noite a meditação sobre a Páscoa citando as palavras mais simples daquele encontro de dez anos atrás.

No panfleto que convidava para a meditação de hoje, há também uma frase de Giussani: "Desde quando Pedro e João correram para o sepulcro, desde quando O viram ressuscitado e vivo entre eles, tudo pode mudar". Sim, tudo pode mudar. Assim, esta noite eu gostaria de tentar dizer como, nestes dez anos, a oração se tornou para mim mais simples do que podia ser dez anos atrás, por ser hoje mais evidente ao meu coração que a oração também não nasce de nós mesmos. A nossa resposta, a nossa oração também é a confiança que nasce do fato de sermos naquele momento atraídos, do fato de sermos naquele momento amados, do fato de sermos naquele momento prediletos.

Nestes dias, somos convidados pela santa Igreja – de modo particular na Semana Santa – àquilo a que sempre fomos convidados, ou seja, a manter o olhar fixo em Jesus. É a frase que São Paulo repete duas vezes na Carta aos Hebreus: “Fixai bem a mente em Jesus” (Hb 3,1). E ainda: “Com os olhos fixos em Jesus, que vai à frente da nossa fé e a leva à perfeição” (Hb 12,2). Manter o olhar fixo em Jesus é olhar pedindo. Parece-me que a atitude de olhar pedindo é de certa forma o ponto mais alto do humano. Creio que os pais e as mães aqui presentes também se comovam muito mais quando seus filhos olham pedindo ser amados do que quando obedecem a algo que lhes dizem. Olhar pedindo é de certa forma a expressão suprema do que o coração do homem pode realizar.

Mas há algo que vem antes desse olhar pedindo. Há algo que vem antes do pedido do coração. Há algo que vem antes do fato de erguemos nosso olhar como crianças e, olhando, pedirmos ser amados. Há algo que vem antes, e esse algo que vem antes é um Outro que olha. Se o Senhor não nos olha, nós não pedimos. Ficamos curvados sobre nós mesmos. Não olhamos pedindo. Se não começamos a respirar a ternura de sermos queridos, se não começamos a respirar a ternura de sermos amados, não olhamos rogando ser amados.



Assim, gostaria de sugerir esta noite três trechos do santo Evangelho em que fica evidente que o pedido do coração, o olhar cheio de pedido do coração, também nasce do fato de um Outro, comovido, nos olhar.

“Jesus, cansado da viagem, sentou-se junto à fonte. Era por volta do meio-dia. Veio uma mulher da Samaria



Duccio di Buoninsegna, Jesus e a Samaritana junto ao poço, detalhe da *Majestade*,  
Coleção Thyssen-Bornemisza, Madri

**“Jesus, cansado da viagem, sentou-se  
junto à fonte. Era por volta do meio-dia.**

**Veio uma mulher da Samaria  
buscar água. Jesus lhe disse:**

**‘Dá-me de beber!’” (Jo 4,6-7)**

O primeiro trecho é o da Samaritana, que na liturgia ambrosiana foi lido no Segundo Domingo da Quaresma e, na liturgia romana, também este ano, lemos no Terceiro Domingo da Quaresma.

Começa assim:

“Chegou, pois, a uma cidade da Samaria, chamada Sincar, perto da propriedade que Jacó tinha dado a seu filho José. Havia ali a fonte de Jacó. Jesus, cansado da viagem, sentou-se junto à fonte. Era por volta do meio-dia. Veio uma mulher da Samaria buscar água. Jesus lhe disse: ‘Dá-me de beber!’” (Jo 4,5-7).

“Jesus, cansado da viagem...”. A frase de Agostinho que comenta esse versículo do Evangelho, transcrita no antigo breviário ambrosiano, é uma das frases que aprendi de cor quando estava no seminário e que nunca mais esqueci: “*Tibi fatigatus est Iesus / Por ti Jesus se cansou*”<sup>2</sup>. Para buscar você, naquele meio-dia, foi que Jesus, cansado, sentou-se junto ao poço. E Agostinho acrescenta: “A Sua força te criou / *Fortitudo Christi te creavit*”. Quem criou você foi Ele, verdadeiro Deus. “*Infirmetas Christi te recreavit / Mas foi a Sua fraqueza que te recriou*”<sup>3</sup>. Foi o fato de Ele, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, ter experimentado a fraqueza humana como nós.

<sup>2</sup> Agostinho. *In Evangelium Ioannis XV, 6*.

<sup>3</sup> Id., *ibid.*



Por você, Jesus sentou junto ao poço, cansado. E chega uma mulher para pegar água. E essa mulher não lhe diz nada e não lhe pede nada. É Jesus quem lhe fala e lhe pede. Como isso é fantástico! Essa mulher vem pegar água e não pede nada, nada! Pega a água porque precisa. É Jesus quem lhe pede: “Dá-me de beber”. Como é evidente que a iniciativa não parte do coração da mulher, mas de Jesus: “Dá-me de beber”. Se Ele não lhe tivesse pedido, se não tivesse tomado a iniciativa, a Samaritana não O encontraria. Tinha ido, como todos os dias, pegar água. Era uma mulher – digamos assim – não muito religiosa. “Tiveste cinco maridos”, lhe dirá Jesus, “e o que tens agora não é teu marido” (Jo 4,18). E ela, como que para defender-se diante dessa revelação da sua vida, co-

meçará a fazer discursos religiosos. No fundo, não lhe interessava nada perguntar em que lugar era preciso adorar, se no monte onde adoram os samaritanos ou em Jerusalém (cf. Jo 4,19-20).

Mas o que mais me impressionou quando reli esse Evangelho este ano é o fato de ser Jesus quem pergunta. É Jesus que se faz mendicante, mendicante do coração do homem. Senão, o coração do homem não pede. Não pede nem mesmo a felicidade, pois *fugitivus cordis sui*, porque, depois do pecado original, o coração está distante, o homem vive fugindo do seu coração<sup>4</sup>. Busca, sim, a felicidade, mas busca-a nos prazeres de que tem experiência imediata, e a vontade não consegue se libertar das imagens desses prazeres dos quais tem experiência imediata<sup>5</sup>. É preciso um prazer *mais immediato* e *mais atraente*<sup>6</sup> para afastar a liberdade, a vontade, dos prazeres de que o homem ferido pelo pecado original tem experiência imediata.

Assim, foi Jesus quem pediu. A iniciativa é d'Ele. E, antes de mencionar a única coisa que impressiona a mulher – tanto assim, que a mulher quando volta ao vilarejo não se lembra das palavras de Jesus sobre a água viva, ou seja, sobre a graça, sobre a superabundância da graça,

<sup>4</sup> Agostinho. *Enarrationes in psalmos* 57, 1.

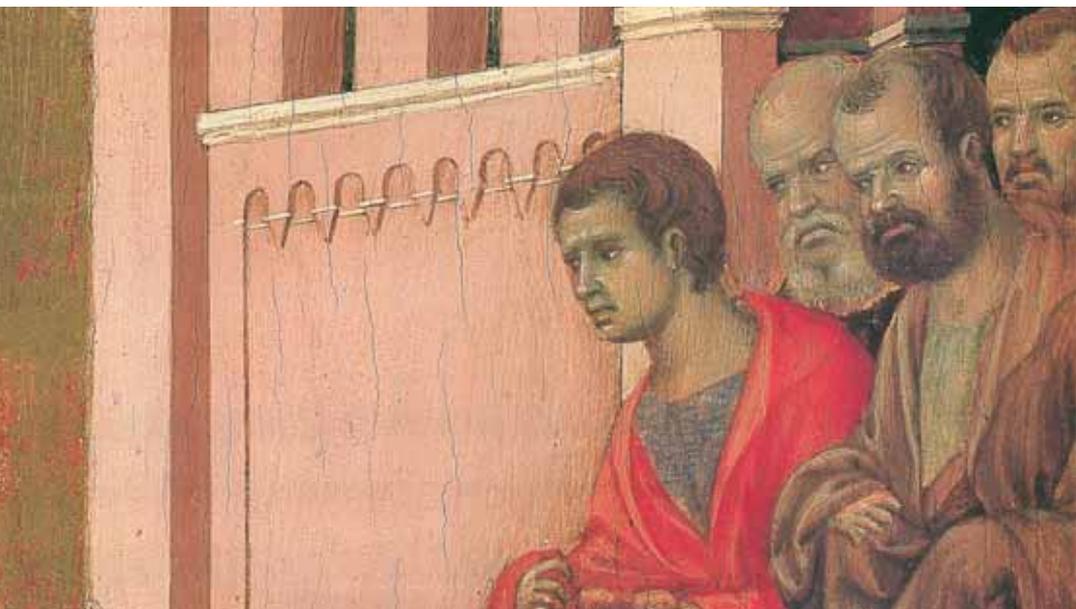
<sup>5</sup> Cf. Agostinho. *Confessiones* X, 22, 32.

<sup>6</sup> Cf. Tomás de Aquino. *Summa theologiae* II-II q. 23 a 2.

mas se lembra somente da menção à sua vida pessoal: “Disse-me tudo o que eu fiz” (Jo 4,29) –, Jesus promete a abundância dessa graça, a abundância dessa água que Ele dá ao coração do homem. Por quê? Porque Jesus, pedindo ser amado – digamos assim – pelo nosso coração, antes tem de doar ao coração a própria possibilidade de que O ame<sup>7</sup>. E é belíssimo o fato de Jesus, depois de ter prometido doar essa superabundância de graça, essa superabundância de água que jorra até a vida eterna (cf. Jo 4,14), falar da adoração em Espírito e em Verdade, no Espírito Santo e na Verdade que é Ele mesmo (cf. Jo 4, 23-24). Ou seja, diz que é possível rezar e adorar em virtude de Seu dom. O coração pede quando é tocado pelo dom de Deus, senão o coração nem chega a pedir. O coração pede quando o dom de Deus o toca, quando o dom de Deus o comove. Só então pede que o amem, que seja amado, só então pede a felicidade. O homem pede graças ao dom d’Ele.

Há uma oração na antiga liturgia ambrosiana, de que gosto muito – a segunda oração das laudes dos domingos de Quaresma –, que diz: “... *vigilet in nobis gratia tua / ... que a Tua graça vigie em nós*”. Como é bonito: que a Tua graça reze em nós. A própria oração é despertada pelo Seu dom, pela Sua atração, por Sua ação de comover o

<sup>7</sup> Cf. Missal romano, 3º Domingo de Quaresma, prefácio.



nosso coração. “*Vigilet in nobis gratia tua*”. Como é bonito perceber que a nossa própria resposta é *antes de mais nada* dom d’Ele<sup>8</sup>. Isso torna a vida extremamente simples. A imagem da vida cristã não é a que representa o dom de Deus de um lado e a nossa resposta do outro. Se fosse assim, não seria simples. É o dom de Deus – o dom de Deus! – que desperta também a nossa resposta. É a *atração que é Jesus* que, comovendo o coração, desperta o prazer de correr atrás dele. A nossa própria resposta é *antes de mais nada* dom d’Ele. Não é como um diálogo entre duas pessoas no mesmo nível: de um lado o dom do Senhor e, do outro, nós, que responde-

<sup>8</sup> Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, nº 2008.

mos. É esse dom que, atraindo o coração, dá o prazer de acolhê-lo, dá o prazer de correr atrás dele, dá o prazer de corresponder<sup>9</sup>. Isso me faz lembrar a frase de Giussani – que ele mesmo diz ser a mais arriscada que disse em sua vida –: a coerência é um milagre<sup>10</sup>. A nossa resposta é *antes de mais nada* graça d’Ele. E, se a Sua graça não atrai o coração, se não dá ao coração o prazer de ser atraído, a pessoa não responde. A pessoa responde por um prazer mais imediato, mais agradável. A pessoa responde porque a Sua atração corresponde ao coração. Pela correspondência da Sua graça ao coração, respondemos aderindo<sup>11</sup>.

<sup>9</sup> Cf. João Paulo I, Catequese na audiência-geral de quarta-feira, 27 de setembro de 1978: “O amor a Deus é também viagem misteriosa: isto é, eu não parto se Deus não toma primeiro a iniciativa. ‘Ninguém’, disse Jesus, ‘pode vir a mim, se o Pai o não atrair’ (Jo 6,44). Perguntava Santo Agostinho a si mesmo: mas, então, a liberdade humana? Deus, que decidiu que ela existisse e construiu essa liberdade, sabe muito bem como respeitá-la, levando embora os corações ao ponto que tinha em vista: *‘Parum est voluntate, etiam voluptate traheris’*; Deus atrai-te não só de modo que tu mesmo venhas a querer, mas até de modo que tu gostes de ser atraído (Agostinho, In *Evangelium Ioannis XXVI, 4*)” (In: *Insegnamenti di Giovanni Paolo I. Città del Vaticano: Lev, 1979, p. 96*).

<sup>10</sup> Giussani, L. “Tu” (*o dell’amicizia*) [“Tu” (ou da amizade)]. Milano: Bur, 2003, p. 171.

<sup>11</sup> Cf. Concílio de Trento. Decreto *De iustificatione*, cân. 4 (Denzinger 1554).



Leandro Bassano, *Trindade*, Galeria Borghese, Roma

**“Jesus deu um forte grito: ‘Pai, em tuas  
mãos entrego o meu espírito’. Dizendo  
isto, expirou” (Lc 23,46)**

Leiamos uma segunda passagem do santo Evangelho. É o relato dos últimos instantes da paixão de Jesus, segundo o Evangelho de Lucas.

“Um dos malfeitores crucificados o insultava, dizendo: ‘Tu não és o Cristo? Salva-te a ti mesmo e a nós!’ Mas o outro o repreendeu: ‘Nem sequer temes a Deus, tu que sofres a mesma pena? Para nós, é justo sofrermos, pois estamos recebendo o que merecemos; mas ele não fez nada de mal’. E acrescentou: ‘Jesus, lembra-te de mim, quando começares a reinar’. Ele lhe respondeu: ‘Em verdade te digo: hoje estarás comigo no Paraíso’. Já era mais ou menos meio-dia, e uma escuridão cobriu toda a terra até às três da tarde, pois o sol parou de brilhar. O véu do Santuário rasgou-se pelo meio, e Jesus deu um forte grito: ‘Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito’. Dizendo isto, expirou” (Lc 23, 39-46).

Há uma frase de Santo Tomás de Aquino que, desde que a li, é como se tivesse de alguma forma mudado o meu olhar para o Crucificado, o meu olhar para a paixão de Jesus. A frase de Santo Tomás é esta: “*Inspiravit [Deus Pater] ei voluntatem patiendi / [Deus Pai] inspirou em Jesus a vontade de aceitar a paixão / [...] infundendo ei caritatem / [...] infundindo em seu coração a caridade*”<sup>12</sup>. A paixão de Jesus não é um heroísmo. Vale também para

<sup>12</sup> Tomás de Aquino. *Summa theologiae* III q. 47 a. 3.

Jesus o fato de a Sua resposta ser *antes de mais nada* graça. Vale também para Jesus o que vale para cada um de nós. A Sua resposta ao Pai era *antes de mais nada* dom do Pai. O Pai não apenas deu seu Filho unigênito – “*Sic Deus dilexit mundum ut Filium suum unigenitum daret*” (Jo 3,16) – mas também deu ao Filho a vontade de dizer sim à paixão, enchendo o Seu coração da caridade, dando em plenitude à humanidade de Jesus aquela plenitude de Espírito Santo que Ele já possuía. A renovação do dom é um novo início também para Jesus. Dando a plenitude da caridade, deu a Ele em plenitude a possibilidade de dizer sim, deu a Ele em plenitude a possibilidade de corresponder, deu a Jesus em plenitude, como dá a cada um de nós, a possibilidade de obedecer.



Uma oração que os sacerdotes têm a opção de rezar antes da comunhão diz: “Senhor Jesus Cristo, Filho do Deus vivo, que pela vontade do Pai, / *cooperante Spiritu Sancto* / pela obra do Espírito Santo, morrendo deste a vida ao mundo...”. Como é bonito olhar assim para Jesus crucificado, reconhecendo que a paixão de Jesus – a Sua obediência, o Seu abandono nas mãos do Pai – é *antes de mais nada* efeito dessa plenitude de caridade que o Pai lhe deu.

Uma das palavras de Jesus na cruz, desse ponto de vista, me comove, e é justamente a palavra *abandono*. Jesus diz: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” (Mt 27, 46; Mc 15, 34) E Jesus, que fala dessa forma, se abandona: “Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito” (Lc 23, 46). Experimentou toda a dor. Mas é uma coisa diferente experimentar a dor de ser abandonado abandonando-se. Experimentou toda a dor, toda a dor de ser abandonado pelo Pai. Mas o Pai lhe deu a plenitude da caridade, ou seja, o Espírito Santo. O Pai lhe deu, assim, a possibilidade, enquanto era abandonado, de abandonar-se. É diferente sofrer abandonando-se. Para uma criança pequena, é diferente sofrer abandonada nos braços da mãe de sofrer não tendo ninguém a quem se abandonar. O Pai deu ao Filho aquela plenitude de caridade pela qual, abandonado, se abandona.

A paixão de Jesus não é um heroísmo. É a criança que, abandonada, se abandona por uma plenitude de amor

que é derramada em seu coração. É a criança que vive toda a experiência da dor humana abandonando-se nos braços do Pai por uma plenitude de predileção que é infundida em seu coração.

Como me comove nesta Quaresma, durante a via-sacra, repetir a cada estação: Glória ao Pai, ao Filho, ao Espírito Santo! A paixão não é um heroísmo: é um mistério de amor gratuito. Ele mesmo disse: “O Filho não pode fazer nada por si mesmo” (Jo 5,19.30). Ele mesmo disse: “Quando tiverdes elevado o Filho do Homem, então sabereis que ‘Eu Sou’, e que nada faço por mim mesmo” (Jo 8, 28). Reconhecendo que o Filho nada pode fazer *por si mesmo*, reconhecemos que é o Unigênito de Deus, Deus de Deus, Luz da Luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro.

Não sei se consegui exprimir a comoção ao olhar assim para Jesus crucificado, ao olhar para Jesus, que diz: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” e que, ao mesmo tempo, se abandona nos braços do Pai. Abandona-se por uma plenitude de caridade que o Pai lhe dá. Assim, a Sua obediência, que nos salvou, é também *antes de mais nada* graça, é predileção do Pai pelo Filho predileto.



Duccio di Buoninsegna, Jesus ressuscitado e Maria Madalena, detalhe da *Majestade*, Museu da Obra do Domo, Sena

“Jesus perguntou-lhe:  
‘Mulher, por que choras?  
Quem procuras?’. Pensando que fosse  
o jardineiro, ela disse: ‘Senhor, se foste  
tu que o levaste, dize-me onde  
o colocaste, e eu irei buscá-lo’.  
Então, Jesus falou: ‘Maria!’.  
Ela voltou-se...” (Jo 20,15-16)



Uma última passagem, do Evangelho de João: Maria Madalena no sepulcro.

“Maria tinha ficado perto do túmulo, do lado de fora, chorando...” (Jo 20,11). Nos versículos anteriores, o Evangelho de João – e isto é belíssimo – descreve Pedro e João correndo para o sepulcro (cf. Jo 20,1-10). João chega primeiro... porque corre mais rápido. De fato, corremos porque somos amados. Pedro amava a Jesus mais do que João O amava. Ante a pergunta de Jesus: “Simão, filho de João, tu me amas mais do estes?”, Pedro responde: “Sim, Senhor, tu sabes que te amo” (Jo 21,15). Portanto, Pedro ama a Jesus mais do que João O ama. Mas João é mais amado pelo Senhor. E corremos mais rápido não porque amamos, mas porque somos amados. Por-

tanto, João chega antes ao sepulcro. “*Meliorem Petrum, feliciorum Ioannem*”, diz Santo Agostinho<sup>13</sup>. Pedro é melhor, mas João é mais feliz. Pois a felicidade não nasce do fato de sermos bons, a felicidade nasce de sermos prediletos. Pedro é melhor que João, mas João, sendo mais amado, é mais feliz, e, sendo mais feliz, corre mais, e portanto, sendo mais feliz, chega primeiro. E o que vem a seguir é belíssimo! João chega primeiro ao sepulcro, mas espera por Pedro. Porque a predileção respeita toda a autoridade. Como isso é bonito! Quando vi Giussani ajoelhando-se diante do papa João Paulo II – Giussani já doente, no último encontro com o Papa, na Praça de São Pedro –, ficava evidente que a predileção da graça respeitava toda a autoridade da Igreja. Aconteceu assim também aos apóstolos. Portanto, o mesmo acontecerá até o fim do mundo.

Então, João chega antes e espera por Pedro, e depois Pedro e João entram no sepulcro e veem os lençóis, ou seja, o sudário, murcho sobre o mármore onde tinha sido deposto o corpo, e o véu que tinha sido posto sobre o rosto. E a maneira como os lençóis tinham ficado impressiona João, como se o corpo de repente tivesse saído do sudário sem descompor nada. Os lençóis tinham murchado porque o corpo não estava mais lá. E assim

<sup>13</sup> Agostinho. *In Evangelium Ioannis CXXIV*, 4.

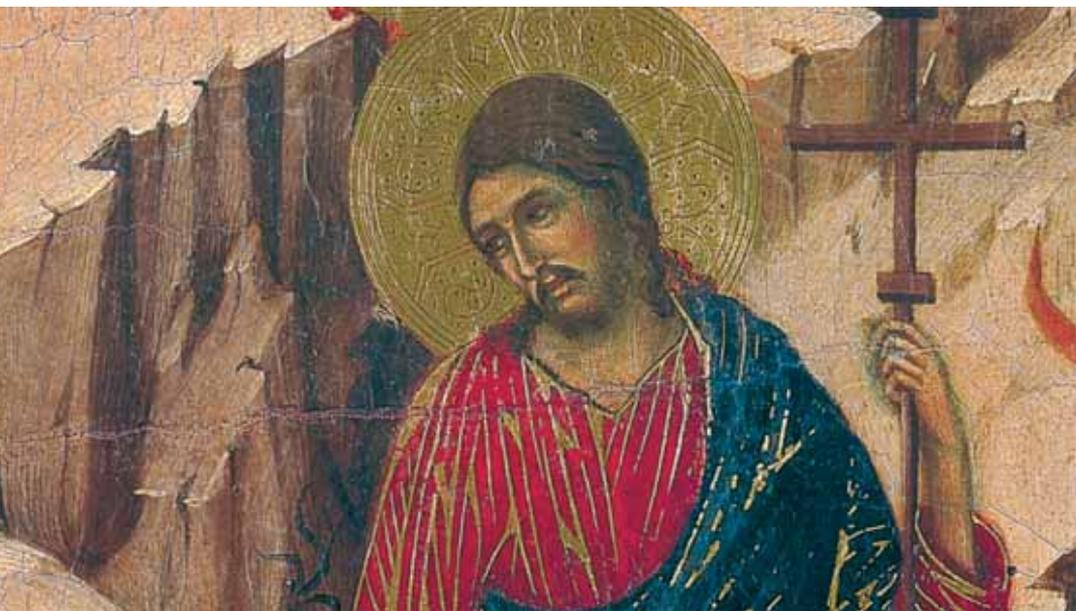
João, a partir daqueles pequenos indícios, começa a crer. Tanto é, que depois Jesus dirá: “Bem-aventurados os que não viram, e creram” (Jo 20, 29). Ou seja, aqueles que, como o apóstolo predileto, começaram a crer a partir de pequenos indícios.

Mas Pedro e João voltam para casa. É Maria que permanece no sepulcro.

“Maria tinha ficado perto do túmulo, do lado de fora, chorando. Enquanto chorava, inclinou-se para olhar dentro do túmulo. Ela enxergou dois anjos, vestidos de branco, sentados onde tinha sido posto o corpo de Jesus, um à cabeceira e outro aos pés. Os anjos perguntaram: ‘Mulher, por que choras?’. Ela respondeu: ‘Levaram o meu Senhor e não sei onde o colocaram’. Dizendo isto, Maria virou-se para trás e enxergou Jesus, de pé, mas ela não sabia que era Jesus. Jesus perguntou-lhe...”: aqui também, como é evidente que a iniciativa é de Jesus... Não apenas a iniciativa de vir, de deixar-se ver, mas também a iniciativa de perguntar. “Jesus perguntou-lhe: ‘Mulher, por que choras? Quem procuras?’ Pensando que fosse o jardineiro, ela disse: ‘Senhor, se foste tu que o levaste, dize-me onde o colocaste, e eu irei buscá-lo’. Então, Jesus falou: ‘Maria!’. Ela voltou-se...”: como é bonito também esse olhar que nasce porque somos chamados, que nasce porque o coração é surpreendido por

um gesto de afeto como esse. “Ela voltou-se e exclamou, em hebraico: ‘Rabûni!’ (que quer dizer: Mestre). Jesus disse: ‘Não me segures, pois ainda não subi para junto do Pai. Mas vai dizer aos meus irmãos: subo para junto de meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus’. Então, Maria Madalena foi anunciar aos discípulos: ‘Eu vi o Senhor’, e contou o que Ele lhe tinha dito” (Jo 20, 11-18).

Eu gostaria de sugerir apenas uma coisa a respeito do choro de Maria Madalena. Cesare Pavese diz que para uma pessoa estar desesperada é preciso ter estado muito contente. Creio que ninguém – podemos dizer *talvez* ninguém – como Maria Madalena naquele pranto tenha experimentado um desespero como esse, justamente por ter estado tão contente, por ter sido tão amada (cf. Lc 7, 36-50). Aquele olhar a havia perdoado sem condenar. Esse perdão que não condena muda a vida. No entanto, aquela coisa tão bela que havia encontrado, aquele perdão tão belo que havia mudado a sua vida, tinha acabado. A morte de Jesus foi real! Aquela morte pusera fim a tudo. Não havia o que fazer, a não ser chorar desesperadamente. Quando uma pessoa experimentou uma felicidade tão real, o desespero é proporcional a essa espécie de felicidade, que já terminou. Também aqui a iniciativa é de Jesus. Não basta um encontro no passado. Nem mesmo o encontro com o Filho de Deus – Maria Madalena encontrara Jesus, o Filho de Deus – é suficiente, não basta o encontro no passado se, no presente, Ele



não vem ao encontro. E também não basta, digamos assim, que tenha ressuscitado e esteja vivo – Jesus tinha ressuscitado e estava vivo –, se Ele não toma a iniciativa, no tempo presente, de vir ao nosso encontro, de fazer-se presente, de chamar, de atrair para Si. Não basta saber que está presente, se Ele não toma a iniciativa. Fica evidente nas aparições do Senhor ressuscitado que é Ele quem toma a iniciativa quando e como quer. É Ele quem se faz próximo, é Ele quem se deixa reconhecer, é Ele quem se deixa ver e tocar: “Tocai em mim e vede! Um espírito não tem carne, nem ossos, como estais vendo que eu tenho” (Lc 24, 39). Não basta saber que está presente, não basta saber que ressuscitou, se no presente não toma a iniciativa de chamar, como chamou Maria,

de chegar perto, de deixar-se encontrar. A fé é graça, a cada momento. A fé é iniciativa d'Ele, a cada momento. A fé, a cada momento, é dom Seu. Quando Santo Tomás de Aquino diz: "*Gratia facit fidem* / É a graça que cria a fé"<sup>14</sup>, acrescenta uma expressão belíssima: neste momento (se estivesse aqui alguém que não crê), para fazer passar à fé alguém que não crê e para manter na fé um pobre fiel, é necessária a mesma força de graça. Para manter-me neste momento na graça da fé e para fazer alguém que não crê passar a ter fé (se houvesse aqui alguém que não crê), é preciso a mesma força de graça. Neste momento! A fé é, a cada instante, graça.

<sup>14</sup> Tomás de Aquino. *Summa theologiae* II-II q. 4 a. 4 ad 3.

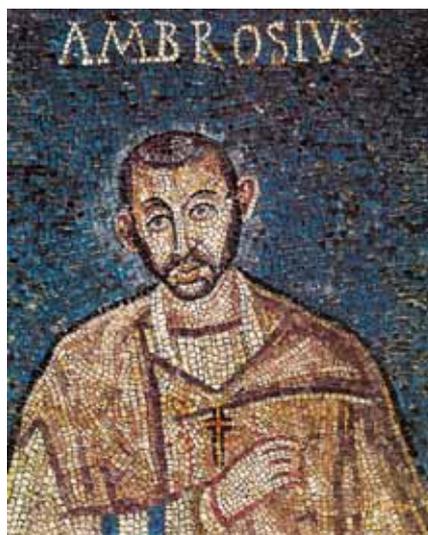


Duccio di Buoninsegna, O encontro entre Jesus ressuscitado e os apóstolos no lago de Tiberíades, detalhe da *Majestade*, Museu da Obra do Domo, Sena

Agora lerei três orações.

A primeira – que eu sei de cor – é uma oração de Santo Ambrósio. É uma das orações mais belas. Ambrósio comenta o último versículo do Salmo 118, o Salmo que na liturgia ambrosiana era recitado todos os dias, da hora prima à hora nona. O último versículo diz:

“Sou errante como ovelha desgarrada: procura teu servo, porque não esqueci teus mandamentos”. Ambrósio pede ao Senhor que venha buscar essa ovelha que se perdeu. Pois, diz o santo bispo, “se Tu demoras, eu me perco”. Isso vale para cada um de nós. Não vale apenas antes do encontro com o cristianismo, vale também depois do encontro, todos os dias, a cada momento. Se Tu demoras para vir, eu me perco, eu sou a ovelha perdida. Se Tu demoras, eu agora me perco. E então Ambrósio reza: “*Veni, Domine Iesu, / Vem, Senhor Jesus, / ad me veni, / vem a mim, / quaere me, / busca-me, / inveni me, / encontra-me, / suscipe me, / toma-me nos braços, / porta me / leva-me*”<sup>15</sup>.



Santo Ambrósio, detalhe dos mosaicos da Capela de São Vítor, Basilica de Santo Ambrósio, Milão

<sup>15</sup> Ambrósio. *Expositio in psalmum 118*, Tau, 28.29.



Depois da comunhão, muitas vezes repito o canto que aprendi quando era bem pequeno: “Jesus querido, vem a mim e une o meu coração a Ti”. Não basta – aqui também – que venha, é preciso que seja Ele quem une o meu coração a Si. Se Ele não atrai o meu coração e não o une a Si, mesmo que venha, eu não o amo. Não basta nem ao menos que venha: todas as vezes que tomo a comunhão Ele vem, mas é preciso que não apenas venha... “Jesus querido, vem a mim e une o meu coração a Ti” – o meu coração. Mesmo o meu pobre amor por Ele só pode ser fruto da Sua atração, só pode ser fruto do fato de Ele tomar o meu pobre coração e o levar – e o coração se deixa levar pelo prazer de ser levado –, levá-lo para Si.

Segunda oração. São as últimas palavras escritas por Santa Teresinha do Menino Jesus. Ela as escreve à madre superiora do Carmelo – que era uma de suas irmãs – alguns meses antes de morrer. Leio algumas frases: “Para as almas simples não são necessários meios complicados. Como sou uma delas, certa manhã, durante minha ação de graças, Jesus deu-me um meio *simples* de cumprir minha missão. Fez-me compreender a seguinte palavra dos Cânticos: ‘*Atraí-me, corramos* ao odor de vossos perfumes’ (Ct 1, 4). Ó Jesus, nem é necessário dizer: *atraindo-me, atraí* as almas que amo. Essa simples palavra: ‘*Atraí-me*’, é suficiente”.

Como isso é evidente, no mundo em que vivemos. Basta que no mundo haja alguém que corra atrás de Jesus dessa forma, para que o mundo inteiro se dê conta. A beleza do momento que vivemos é essa, pois o mundo tornou-se pequeno. Basta que haja alguém que corra atrás de Jesus dessa forma, alguém que corra porque é atraído. Não porque decide correr. Decidir-se *por si mesmo* a correr é diferente de ser atraído. Atraída, a pessoa corre sem nem se dar conta de que está correndo. Senão, correr atrás também se torna um esforço. Quando fica evidente que a pessoa corre porque um Outro a atrai, o mundo inteiro se dá conta. Se, no entanto, vem *de você* o correr, você, por si só, não testemunha que Ele ressuscitou e que está vivo. É preciso que seja evidente que você é atraído por Ele. Do contrário, pode ser uma iniciativa sua, se você decide *por si*

*mesmo* correr atrás de Jesus. E nós não vencemos o medo da morte com o que fazemos (cf. Hb 2,15). O medo da morte é derrotado quando fica evidente que é uma presença que atrai, quando fica evidente que você nada mais faz senão correr atrás, deixando-se atrair como uma criança pequena que corre para agarrar uma coisa bonita.

Escreve ainda Santa Teresinha: “Madre, creio ser necessário dar-vos mais algumas explicações referentes à passagem do Cântico dos Cânticos: ‘Atraí-me, corramos’. O que disse me parece pouco compreensível [o mesmo vale para o que tentei dizer esta noite]. ‘Ninguém’, disse Jesus, ‘pode vir a mim, se *meu Pai* que me enviou não o atrair’ [“*Nemo venit nisi tractus / ninguém vem se não é atraído*”<sup>16</sup>]. Depois, por meio de parábolas sublimes e, muitas vezes, sem mesmo usar desse meio tão familiar ao povo, Ele nos ensina que basta bater para que se abra, procurar para encontrar e estender humildemente a mão para receber o que se pede... Acrescenta que tudo o que se pedir a *seu Pai*, em seu nome, Ele o concede. É por isso sem dúvida que o Espírito Santo, antes do nascimento de Jesus, ditou essa oração profética: atraí-me, corramos. O que é pedir para ser atraído, senão unir-se de maneira íntima ao objeto que cativa o coração? [...] Madre querida, eis a minha oração: peço a Jesus que me atraia às chamadas do seu amor, que me una tão estreitamente a Ele, que seja Ele

<sup>16</sup> Agostinho. *In Evangelium Ioannis XXVI, 2.*

quem viva e aja em mim. [...] Quanto mais repetir: 'Atraí-me', mais as almas se aproximarão de mim, [...] mais rápido correrão em direção ao odor dos perfumes do seu Bem-amado [...]. Sem dúvida, como Santa Madalena fica aos pés de Jesus, escuta suas palavras suaves e calorosas. Parecendo nada dar, dá muito mais que

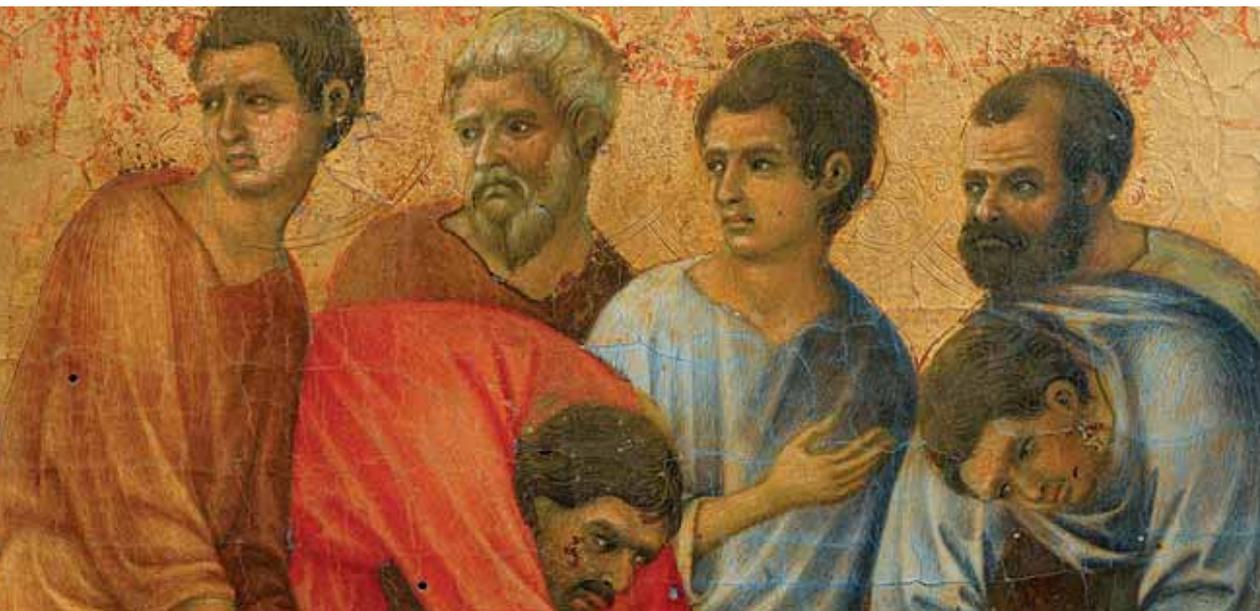


Teresa de Lisieux

Marta, que se atormenta a respeito de muitas coisas e gostaria que sua irmã a imitasse. Não são os afazeres de Marta que Jesus censura; esses trabalhos, sua divina Mãe submeteu-se humildemente a eles a vida toda, pois cabia a ela preparar as refeições da Sagrada Família. É apenas a inquietação de sua dedicada anfitriã que Ele quer corrigir”.

A última oração. É como se o Senhor nestes anos tivesse tornado a prece mais confiante, e tivesse tornado possível intuir que a oração é plena quando dizemos “obrigado”. E assim a pessoa pede para dizer “obrigado”. A oração é plena quando a gratidão, o “obrigado”, torna-se como que a respiração, o respiro de cada instante. “*Sempre e por todas as coisas rendei graças a*

Deus” (Ef 5, 20). O apóstolo Paulo exorta muitas vezes a agradecer *sempre*. Leio-lhes agora esta oração de Santa Bernadete. Quando a ternura de sermos amados é tão superabundante, nós então agradecemos, então é fácil agradecer por qualquer coisa. Aqui também, o “obrigado” nasce da ternura do dom. O “obrigado” não nasce *por si só* pelo dom, mas nasce quando o dom torna o coração feliz. Há uma semana, meu sobrinho mais novo fez aniversário, e fui convidado por seus pais para a festa. Ele ganhou um monte de presentes, mas o que me impressionou foi o fato de ele ter ficado contente com o papel que embrulhava um desses presentes, pois fez um monte de confete e ficou dez minutos jogando o confete pelo ar. Esse exemplo é apenas para dizer que a



peessoa não agradece pelo dom, agradece quando o dom torna o coração contente. Vocês podem dar um presente sensacional a uma criança, mas, se o seu coração não está contente com aquilo que vocês lhe deram, ela não lhes agradece. E assim é também a vida cristã. Agradecemos quando o dom transborda em ternura no coração. Quando o dom transborda em felicidade no coração, então agradecemos.

Escreve Bernadete: “Pela miséria de mamãe e papai, pelo moinho em ruínas [...], por eu ser uma boca a mais para saciar, pelas crianças que acudi, pelas ovelhas que pastoreei. Obrigada. Obrigada, ó meu Deus. Pelo procurador, pelo comissário, pelos guardas, pelas palavras, no início rudes, de meu pároco. Pelos dias em que vieste, ó Virgem Maria, por aqueles em que não vieste...”: como é bonita essa distinção! Não é verdade que tudo é igual. O Senhor está sempre presente. Mas não é verdade que o momento em que vem é igual ao momento em que não vem. Está sempre presente. Mas mesmo para Bernadete os momentos em que Nossa Senhora se deixava ver eram diferentes daqueles em que não aparecia... O cristianismo não é uma certeza metafísica. É uma relação entre pessoas, é uma relação *livre* entre pessoas. “Pelos dias em que vieste, ó Virgem Maria, por aqueles em que não vieste, nunca te poderei agradecer o bastante, a não ser no Céu. Pela bofetada que recebi, pelas chacotas, pelos ultrajes, por aqueles que me toma-

ram por mentirosa, por aqueles que me tomaram por interesseira, obrigada, ó Senhor [...]. Obrigada, obrigada, porque se houvesse no mundo uma jovem mais insignificante, não teríeis escolhido a mim”: como é bonita também a palavra *insignificante*! Papa Bento XVI, quando falou de São Francisco, disse três vezes que era pequeno e *insignificante*<sup>17</sup>. No entanto, a Igreja naquele momento foi sustentada por esse religioso pequeno e *insignificante*. Papa Inocêncio III viu em sonho uma pessoa pequena e *insignificante* que sustentava a arquitrave da Catedral de São João de Latrão.

Continua Bernadete: “Por minha mãe que morreu longe de mim, pela pena que senti quando meu pai [o pai viajou de Lourdes a Nevers para ver a filha, que se achava no convento], em vez de estender os braços para sua pequena Bernadete, chamou-me ‘Irmã Bernarda’, obrigada, Jesus. Obrigada por terdes enchido de amarguras o coração terno demais que me destes [e quando



Bernadete Soubirous

<sup>17</sup> Bento XVI. Catequese na audiência geral de quarta-feira, 27 de janeiro de 2010; cf. Bento XVI. “Francesco, piccolo e insignificante”. *30Giorni*, nº 1, 2010, pp. 47-54.

há amargura, a pessoa sofre, e é a ternura da predileção que leva a dizer obrigado mesmo por essa amargura]. [...] Obrigada por ter sido objeto privilegiado das censuras, que levaram as outras irmãs a dizer: ‘Que sorte não ser Bernadete!’. Obrigada por ter sido Bernadete. E por esta alma que me destes, pelo deserto da aridez interior, pela Vossa escuridão e pelas Vossas revelações [aqui também a escuridão é escuridão e a revelação é revelação], pelos Vossos silêncios e pelos Vossos lampejos, por tudo, por Vós, ausente ou presente [e é diferente quando está ausente – e a pessoa se ajoelha e nada mais – de quando está presente – e a pessoa chora de felicidade. E está sempre presente. Mas os momentos em que está presente ou ausente são diferentes daqueles em que está presente e abraça o coração], obrigada, obrigada, Jesus”.



Duccio di Buoninsegna, Maria e o apóstolo João, detalhe da *Majestade*,  
Museu da Obra do Domo, Sena

E termino com três frases do Santo Cura d’Ars.

A primeira:

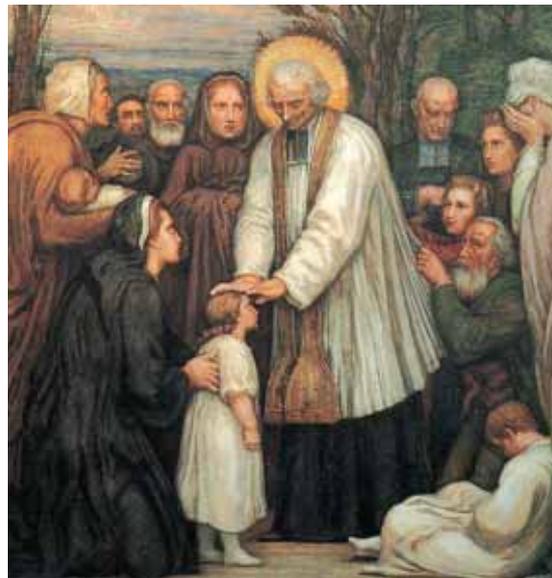
“O que faziam a Santa Virgem e São José? Eles olhavam, contemplavam, admiravam o menino Jesus. Essa era toda a sua ocupação”.

Toda a sua ocupação era olhar para aquele menino. Como me impressionou a palavra *ocupação*! Agostinho diz que “*totum atque summum negotium* / a atividade – *negotium* –, a ocupação totalizadora e suprema” da Igreja é depositar a esperança na oração<sup>18</sup>, é depositar a esperança em olhar pedindo.

Uma segunda frase:

“Quando saímos da santa missa, estamos tão felizes quanto estariam os Magos se tivessem podido levar consigo o menino Jesus”.

Como é bela essa imagem! Porque diz que só o presente nos torna felizes. Quando saímos da santa missa, estamos tão felizes quanto estariam os



O Santo Cura d’Ars

<sup>18</sup> Agostinho. *De Civitate Dei* XV, 21.

Magos se, ao saírem daquela casa, tivessem levado consigo o menino Jesus. Porque não basta tê-lo visto uma vez e não basta tê-lo encontrado uma vez, se não o carregarmos no presente, ou, melhor, se não formos carregados no presente.

E ainda uma última frase, também do Santo Cura d’Ars, a minha preferida:

“Eu sempre fui simplesmente uma criança mimada [assim declarou o Santo Cura d’Ars]pela Providência. Nunca me preocupei com nada e nunca nada me faltou. Como é bom abandonar-se pura e simplesmente”. No fundo, a minha vida também pode ser resumida nesta expressão: eu fui uma criança mimada pelo amor *de* Jesus Cristo.

Se possível, saiam em silêncio. Como é caro ao coração o silêncio das nossas igrejas! A oração a São Ricardo Pampuri também diz isso: “... rezaste no silêncio das nossas igrejas...”.



*Créditos fotográficos:*

Foto Scala, Florença - sob concessão do Ministério dos Bens e Atividades Culturais:

Capa: pp. 18, 21;

Foto Aurelio Amendola, Florença: pp. 4, 9;

Museu Thyssen-Bornemisza, Madri: pp. 10, 13, 16;

Museu da Obra do Domo, Sena: pp. 24, 26, 30, 32, 34, 38, 42;

Arquivo fotográfico Veneranda Fabbrica del Duomo di Milano: p. 33.

O editor está à disposição para eventuais detentores de direitos



**3ODIAS**  
na Igreja e no mundo

Diretor: Giulio Andreotti  
Diretor responsável: Roberto Rotondo

©Trenta Giorni Società Cooperativa

*30Giorni nella Chiesa e nel mondo*  
00173 Roma, via Vincenzo Manzini, 45  
Tel. (06) 7264041  
Fax (06) 72633395  
e.mail: [30giorni@30giorni.it](mailto:30giorni@30giorni.it)  
internet: [www.30giorni.it](http://www.30giorni.it)

Impressão concluída no mês de março de 2011  
Arti Grafiche La Moderna - Via di Tor Cervara, 171 Roma